

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: EXIGÊNCIA DA FÉ CRISTÃ

Diálogo inter-religioso: tema e prática eclesial extremamente relevante. Relevância não é modismo. Este gira superficialmente pela mídia, aterrissando em mentes e corações sedentos das últimas novidades. Cai no chão do esquecimento como folhas de outono, levadas por outro vento.

A relevância do diálogo inter-religioso surge de dupla conjunção. Nasce do coração da fé cristã e é regado pelo rocio abundante do momento cultural e eclesial presente. O evangelho de São Marcos termina com o solene envio dos discípulos: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16, 15). Já está marcada a vocação universal do Cristianismo.

Historicamente ele a exerce de modos diferentes. O diálogo com o paganismo helênico e romano fez-se pelo movimento da inculturação. Não hesitou, na imagem de Santo Agostinho, proceder como os hebreus e hebréias na véspera da fuga para o Egito, recolhendo os espólios dos inimigos. Eram "ouro e prata que os egípcios não criaram, mas extraíram de certas minas espalhadas por toda parte pela divina providência" e que "deve o cristão tomá-los para o uso justo da pregação do Evangelho" (S. Agostinho, De doctrina Christiana II c. 40 n. 60). Com as riquezas éticas, simbólicas, rituais do paganismo, o Cristianismo vestiu muito de sua doutrina e prática. O paganismo moribundo deixou despojar-se e ofereceu plataforma ideológica e lingüística para o Cristianismo exprimir-se para além do círculo fechado do judaísmo.

Diálogo sui generis. O parceiro ofereceu material para o dialogante e em seguida entrou-lhe casa adentro pela conversão maciça. Tudo terminou num Cristianismo helenizado, romanizado.

Em outros momentos, o diálogo nem foi propriamente diálogo, a não ser no sentido de Paulo VI na Encíclica inaugural de seu pontificado de a Igreja levar a palavra da salvação ao mundo, fazendo-se palavra, mensagem, colóquio (Ecclesiam suam, n. 38). Na verdade, as Igrejas cristãs saíram, com sua vocação universal, assentadas sobre uma cultura também ela de pretensão conquistadora, a plantar filiais eclesiais nas Américas dos índios e em todos os outros continentes. Lá chegavam, sem dialogar com as culturas autóctones, para convertê-las para sua visão religiosa.

A novidade do momento não modifica a vocação interna do Cristianismo de entrar em contacto com todas as culturas e religiões, mas a maneira de fazê-lo. Aí está a relevância e contemporaneidade do tema e da prática que nasce de um fato e de uma consciência.

O fato goza da evidência estridente dos números. As estatísticas não permitem as consciências etnocêntricas enganarem a si mesmas quanto à particularidade de sua cultura e religião. Karl Rahner escrevia no final do Concílio Vaticano II que se rompia definitivamente a centralidade européia diante da diversidade de Igrejas no mundo inteiro. E era um mero fato intra-eclesial católico. O choque atual é ainda maior. Os números inclinam-se pesadamente para as religiões não cristãs de tal maneira que o Cristianismo não passa de um sexto da humanidade. Mais: o fato plural das religiões invade também os territórios reservados da fé católica, como nosso continente. De fora chegam novas religiões. De dentro brotam outras ou emergem aquelas que uma longa dominação racial, cultural e econômica impedira de mostrar-se. As religiões afro-ameríndias despertam-se de seus sonos antigos, fazendo-se ver pelo visual dos templos, dos terreiros, das ruas e da mídia.

O fato não basta. As consciências nem sempre o captam. Ou se o fazem, distorcem interpretações, recorrendo a clichês antigos, a refrões repetidos indefinidamente. A novidade vem da natureza diferente do pluralismo moderno e pós-moderno. É verdade, observava Paul Hazard, em sua análise sobre a “crise da consciência européia”, que as grandes viagens dos europeus lhes provocaram a inteligência e imaginação para entender o pluralismo. Em vez de “permanecerem em casa” para evitar toda mudança, desejo da idade clássica, a modernidade e a pós-modernidade puseram as pessoas a moverem-se pelo mundo real e virtual.

Há o pluralismo da diferença numa mesma matriz. São galões diversos no mesmo uniforme. No fundo, continua-se preso a uma identida-

de primeira, imutável, inquestionável. Discutem-se pormenores. O pluralismo de hoje é outro. Matrizes culturais, Weltanschauungen, compreensões antropológicas, relações com a Transcendência não cabem facilmente num denominador comum. É aí que se trava o diálogo inter-religioso. Não suporta nenhuma 'teologia do retorno' nem "inclusivismo fechado", que forcem caber dentro de uma religião todas as outras.

A atual situação eclesial é originalmente paradoxal. Avançou-se muito em gestos simbólicos no diálogo inter-religioso. Em vários momentos, o Papa João Paulo II rompeu uma inércia antiga, convidando duas vezes líderes religiosos de todo o mundo para um encontro de oração em Assis, desenrolando gestos extremamente significativos nas viagens pelos continentes diante de outras culturas e religiões. No momento, porém, em que se quer desentranhar o conteúdo teórico teológico dessa gestualidade expressiva, depara-se com enormes dificuldades. As tentativas teóricas fraquejam diante da riqueza do vivido.

Fato da diversidade, consciência do novo pluralismo, abundância de gestos simbólicos, necessidade intrínseca da fé cristã impõem, portanto, a urgência de uma teologia do diálogo inter-religioso, que dê conta da prática já existente e permita avançar ainda mais. Este é o papel da teologia: fazer-se consciência explícita e reflexa da vida da Igreja para que esta se torne mais abundante.

Dialogar é dizer algo a alguém e ouvir algo de alguém na dupla consciência de sua identidade e da alteridade do parceiro. Aqui joga toda a dificuldade do diálogo. Não é qualquer identidade que dialoga. Não se dialoga com qualquer alteridade. Onde está o segredo?

A identidade constrói-se a partir de dois olhares. O olhar contemplativo da gratidão e o olhar crítico da abertura. Pelo primeiro olhar, a religião conscientiza-se da própria verdade, do bem e das tradições recebidas como graça, como dom. Toda religião é um dom, é uma escolha, é uma eleição de Deus. Nisso ela é universal. Nossa e dos outros. Daí brota a responsabilidade de comunicar, de anunciar, de propor. Isso vale da religião cristã como de todas as outras. Evidentemente não na mesma medida. As minas de ouro não são iguais. Há cascalhos dourados em riachos pequenos e Minas de Morro Velho profundas e inesgotáveis. Mas em todas há ouro. E o ouro é de todos. O segundo olhar acorda-nos para os limites, as falhas, as imperfeições. Pede abertura, humildade, conversão.

Não se aventura a um diálogo quem não sabe o que é, o que tem, o que pode. Perder-se-ia no emaranhado dos discursos. Reagiria mais emocionalmente que racionalmente, já que se lhe escapa o próprio tesouro. A arrogância não vem da consciência da graça recebida, mas da ignorância da natureza gratuita e universal da verdade e do bem.

Prende-se às formas caducas e passageiras, às expressões locais em vez de ir até o cerne da experiência religiosa. Apega-se ao halo luminoso, deixando o sol de luz para trás.

A identidade não está terminada. É processual. E por isso aberta. Atitude fundamental para o diálogo. Obstáculos epistemológicos interpõem-se para o Cristianismo no caminho do diálogo inter-religioso. Uma linguagem comum repete que a Revelação terminou com a morte do último apóstolo (Cf. DS 3421). Há evidentemente uma verdade nesse aforismo, que afirma o significado único do mistério do Verbo Encarnado. No entanto, a rigidez fixista de compreensão impede perceber que a Revelação interpretativa prossegue ao longo da história, embora em dependência da experiência única e normativa da comunidade primitiva, apostólica. O Espírito atua no coração das pessoas, das culturas, dos povos de modo que o mistério salvífico de Deus realizado em Jesus Cristo se vai tornando acessível a sempre mais pessoas e povos nas religiões e por meio das religiões.

Só na perspectiva de que todas as religiões são verdadeiras mediações de salvação e que nelas e por elas, e não apesar delas, as pessoas se salvam, faz-se possível um diálogo inter-religioso honesto, teológica e praticamente.

Há outros imperativos para além dos simplesmente teológicos que tornam o diálogo inter-religioso relevante nos dias de hoje. Hans Küng afirma peremptoriamente que “não haverá paz religiosa sem diálogo religioso”. Mais: simplesmente não há paz, sem diálogo inter-religioso. Afirmação que desafia a história. Ao estudá-la, a evidência aponta para o lado oposto. Desde tempos imemoriais até as recentes guerras nos Balcãs, a temática religiosa foi explosiva. Jean Delumeau descreve graficamente o pisar de cristãos sobre o correr de sangue islâmico escorrido nas lutas pela conquista de Jerusalém. Triste ironia do nome. A “Cidade da Paz” viu-se tantas vezes ensangüentada por guerras religiosas. A Europa conheceu no último quartel do século XVI e inícios do XVII guerras de religião entre cristãos que dizimaram populações inocentes. A Irlanda ainda é palco de contradições semelhantes. Vendo esse passado de guerras, cabe falar em diálogo inter-religioso na construção da paz?

Sim. Porque é a força motivadora da religião que permite efeitos opostos igualmente pesados. Se ela se volta para o ódio, nada resiste a seu turbilhão. Mas aí está o sonho do diálogo: se ela investe seu potencial de paz, de amor, de fraternidade, de compreensão, há esperanças para a humanidade.

As razões vão mais longe. Na ausência da religião, os humanos têm lançado mão da ética humanista, do consenso para conviver na paz e

justiça. No entanto, percebem a fraqueza de tal recurso, ao constatar a dificuldade de querer “condicionar” as pessoas a aceitarem um procedimento comum sem ter de recorrer a um último “Incondicionado”. Quando o último fundamento é também condicionado, basta um mínimo de arbitrariedade – as grandes potências a praticam a cada momento – para fazê-lo explodir. As religiões, por sua vez, no diálogo entre si conseguem mover seus membros a assumirem causas humanitárias em nome de um Mistério maior, do Incondicionado e assim construir mais facilmente a paz.

O diálogo inter-religioso debate-se, porém, com outro obstáculo epistemológico: o fundamentalismo. Realidade que revela traço profundo da psicologia humana pessoal e coletiva. E. Fromm, analisando o nazismo, desnudou esse ninho humano. Chamou-o de destrutivismo, de autoritarismo ou do seu oposto – submissão, autodestruição. E na sua raiz existe uma falta de liberdade, de coragem de ser, de suportar o diferente. De novo, só o diálogo inter-religioso tem possibilidade de extirpar essa erva daninha do coração humano.

O olhar do nosso Mestre maior já tinha deixado na parábola do Bom Samaritano a lição básica para um diálogo (cf. Lc 10,29-37). A preocupação do sacerdote com seus afazeres do templo, a mente do levita presa à literalidade da Escritura, obscureceram-lhe a vista da vítima, do diferente. A alma desimpedida do samaritano inclina-se diante do sofrimento alheio. É essa atitude teologal de abertura à vítima, àquilo que contraria as regras do templo ou do livro, mas que revela o sentido último de ambos, que permite o diálogo de vida.

No contexto brasileiro, o diálogo inter-religioso esbarra com o problema afim do sincretismo. No quadro religioso, a presença das religiões afro-brasileiras em crescente expansão exige reflexão teológica diferente da dos moldes do diálogo inter-religioso na Índia ou mesmo na Europa. O Islamismo, que se expande em países europeus, ou o Cristianismo minoritário, que se defronta com as grandes tradições religiosas da Ásia, encontram-se em situação bem diferente das religiões afro-brasileiras. Estas já estão em casa há séculos. Não vêm como novidades para elites. Refletem traços sincretistas da cultura religiosa brasileira. Não estão diante do Cristianismo, nem no nível da prática nem no da consciência, como um outro distinto com que se dialoga, mas como um próximo íntimo da religiosidade católica brasileira.

Se muitos brasileiros têm um “pé na sala e outro na cozinha”, a sua alma religiosa repete o mesmo esquema de um “pé na igreja e outro no terreiro”. Não são necessariamente lugares físicos, mas simbólicos. Indo mais a fundo, para muitos brasileiros o diálogo inter-religioso acontece no seu próprio interior, entre religiões que o habitam, sem a clareza suficiente de seus pressupostos e exigências, numa convivên-

cia ora conflituosa ora paralela. A recente pesquisa do CERIS sobre o Catolicismo em algumas metrópoles do Brasil aponta número relativamente alto de católicos (22,52%) que freqüentam cultos, reuniões ou celebrações de outra religião que não a sua. Esse número seria muito maior, se as pessoas vasculhassem mais seu interior e se perguntassem pelas crenças e práticas religiosas de outra religião que lhes povoam a mente e o coração. No diálogo inter-religioso esse aspecto merece relevo por meio de um esforço de explicitação mais clara da própria identidade e das camadas sincréticas que a envolvem.

No horizonte de um país mergulhado nas contradições sociais, agravadas pelo neoliberalismo triunfante, e de uma Igreja, ameaçada cada vez mais por “plumas e paetês” carismáticos, a figura do pobre faz parte imprescindível do diálogo inter-religioso. Sem ele, as religiões perdem-se em questiúnculas de doutrinas e práticas internas em vez de lançar os olhares para a desafiante realidade social envolvente. A Teologia da Libertação tem diante de si a tarefa de trazer contribuição original para tal temática a partir de sua prática teórica, inspirada e alimentada pela presença atuante de cristãos e membros de outras religiões no compromisso social. O diálogo inter-religioso realiza o plano de Deus por meio da escuta dos outros, da leitura dos sinais dos tempos, da edificação de comunidades de fé, da promoção da liberdade e da justiça, dando testemunho da esperança e proclamando os valores do Reino.

Diálogo inter-religioso: capítulo novo e desafiador para a teologia das Escolas e para a prática das Igrejas e religiões!